

OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

The challenges of teaching in pandemic times

Elias Festa **PALUDO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil
eliasfpaludo@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-7308-6122>

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

as consequências da pandemia ainda estão sendo investigadas nos mais diversos campos. Na área da educação não é diferente, com mais de dois terços dos estudantes do mundo afetados, a pandemia vem trazendo à tona as desigualdades de acesso e oportunidade aos estudos. Entretanto, é fundamental discutir a condição dos professores de ensino básico durante a quarentena, uma vez que a demanda de trabalho muda e aumenta, com a necessidade do ensino à distância. Dessa forma, com dados recentes de pesquisas, juntamente com o relato de docência, buscamos aqui apresentar e discutir de forma geral os novos desafios das e dos professores na educação básica em tempos de quarentena.

PALAVRAS-CHAVE: Educação na quarentena. Desafios da Docência. Professores. Pandemia.

ABSTRACT

The consequences of the pandemic are still being investigated in the most diverse fields. In the area of education, it is no different, with more than two thirds of the world's students affected, the pandemic emphasized inequalities in access and opportunity to studies. However, it is essential to discuss the condition of basic education teachers during quarantine, since the demand for work changes and increases, with the need for distance learning. Thus, with recent research data, together with the teaching report, we seek here to present and discuss in general the new challenges faced by teachers in basic education in quarantine times.

KEYWORDS: Quarantine education. Teaching challenges. Teachers. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

O covid-19 tem impactado inúmeras áreas e aspectos da vida social. Da crise sanitária até a crise econômica, no Brasil e no mundo, se torna difícil apontar espaços e relações sociais que não sofreram alguma mudança com a pandemia. Da mesma forma, o debate acadêmico sobre o covid-19 não se restringiu ao campo da saúde. Pelo contrário, as mais diversas áreas vêm debatendo as implicações de tal fenômeno. Afinal, trata-se de uma pandemia que já chegou em 216 países, com mais de 20 milhões de infectados e cerca de 750 mil mortes (WHO, 2020)¹.

As publicações científicas sobre os impactos do covid-19 apontam para o aprofundamento de diversas desigualdades, sejam de ordem econômica e a questão do direito à cidade (SIMÃO, 2020), seja nas relações de gênero, considerando as relações domésticas em que as mulheres são responsáveis por mais de 75% do trabalho não remunerado (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2018). Além disso, Matthewman e Huppatz (2020) apontam a questão de gênero também na linha de frente de combate ao Covid-19, além da questão de raça.

A pandemia também trouxe profundos impactos na educação. Segundo a UNESCO (2020), os fechamentos das instituições educacionais já impactaram cerca de 70% da população estudantil do mundo. No Brasil o número de estudantes afetados gira em torno de 52 milhões. Contudo, as condições da educação em tempos de pandemia apresentam um conjunto de fatores a serem considerados, como o desigual acesso entre as diferentes classes aos recursos pedagógicos online, bem como as desigualdades culturais ao considerar o computador e outras ferramentas de ensino à distância enquanto capital cultural objetivado (OLIVEIRA, 2020).

Entretanto, além das desigualdades observadas nas oportunidades aos alunos, surge a discussão sobre a situação do professor durante a pandemia, o qual compõe o objeto de discussão deste trabalho. As professoras e os professores, sobretudo de educação básica, já encontravam dificuldades anteriores à pandemia, tanto pela carga horária extraclasse, quanto pela remuneração e condições de exercício no que toca às ferramentas de trabalho. A precarização da classe professoral não é uma temática nova. Em tempos de pandemia, é necessário discutir e evidenciar o possível aumento da

¹ Dados referentes ao início da segunda metade do mês de agosto de 2020, uma vez que os dados são atualizados constantemente em tal plataforma.

demanda de trabalho dos professores, a possibilidade de redução de carga horária, a não familiarização com novas ferramentas e a falta de formação sobre esses meios, entre tantas outras facetas do fazer docente.

O intuito desse ensaio é discutir as relações de trabalho das e dos professores, de maneira geral, em tempos de pandemia. A pertinência desse tema se dá na medida em que essa classe, a qual me incluo, já se encontrava numa situação anterior de precarização e, com a implementação de ensino à distância, acaba por ter sua situação acentuada.

2 A DOCÊNCIA ANTES DA PANDEMIA

Para uma melhor compreensão da docência em tempos de pandemia, é necessário compreender como estava a situação das e dos professores antes de tal fenômeno. Como visto, a precarização da docência não é um tema novo e apresenta diversas facetas. Abonizio (2012), aponta que desde a universalização do ensino básico na década de 1990, os desafios da docência estão relacionados com a maior demanda da capacidade cognitiva e mental para lidar com distintos públicos, da demanda extraclasse de trabalho, as más condições das estruturas escolares, salários depreciados e contratos temporários.

Evidente que esse recorte em muito se aplica à rede pública, responsável por 82% das matrículas do ensino fundamental e 87,4% das matrículas do ensino médio, em todo Brasil (IBGE, 2020) e, portanto, responsável pela inclusão de estudantes oriundos de distintos grupos culturais e com identidades diversificadas. Desta forma, os docentes cada vez mais lidam com públicos diversos, exigindo uma maior demanda de trabalho sem uma contrapartida sólida de qualificação. Evidentemente, há um outro fator somado à diversidade cultural dos estudantes que recai na exigência ao trabalho dos professores: a competição com as tecnologias. Além da demanda de atender esses grupos recém inseridos no ensino básico, o docente também compete com tecnologias como o celular que, até a o início da pandemia, notoriamente não eram vistos como ferramentas pedagógicas.

Além da *(des)humanificação* de profissionais da educação, a desvalorização salarial tem sido um importante vetor da atuação dos mesmos (PREVITALI; FAGIANI, 2018). O exemplo crasso dessa realidade foi o anúncio em jornal com os dizeres “Torne-se um professor e aumente sua renda! São dez cursos de licenciatura 100% online” (CABRAL,

2017). A docência, vulgarizada, tornou-se um bico. Não obstante, ainda é flagrante a mercantilização da formação dos nossos professores.

A desvalorização do docente anda, lado a lado, com a precarização da formação dos mesmos, afinal, 29% dos docentes brasileiros exercem outra atividade econômica para complementar a renda (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2018).

Nesse contexto de desvalorização, precarização das condições de trabalho, aumento da demanda laboral e a necessidade de complementar renda que, certamente, impossibilita uma formação continuada, a educação básica entra em tempos de pandemia, com o fechamento das instituições de ensino, ao menos fisicamente.

3 QUARENTENA, EDUCAÇÃO E PROFESSORES

Autores como Bourdieu e Passeron (2008), apontaram há décadas a determinante influência do *capital cultural* familiar para o desempenho dos estudantes nas escolas francesas. O acesso, consumo e familiaridade com os bens culturais podem ser determinantes para o sucesso escolar daquele aluno. Mas, como nos indica Bernard Lahire (1997), não apenas o acesso, mas a forma de apropriação do bem cultural é fundamental para pensar a trajetória do estudante.

Essa apropriação deve ser pensada, nos dias de hoje, na relação dos estudantes para com os dispositivos eletrônicos como celular e computador. Estamos familiarizados, no sentido pedagógico, com celulares? Como conceber aquele aparelho que carrega redes sociais como *instagram*, *facebook*, *tiktok*, entre outras, como uma ferramenta pedagógica?

Sem dúvidas, são questionamentos pertinentes ao ensino à distância, sobretudo, de nível básico. Muitas escolas, e utilizo como exemplo as instituições onde trabalhei, relacionam-se com os celulares de forma negativa. Não os permitem. Afinal, como uma lousa poderia competir com tal dispositivo? Evidente que as escolas não tomam essa atitude por serem rígidas ou intransigentes, mas o fazem por impossibilidade de – considerando as condições de acesso, formação docente, entre outras – revolucionar as formas de ensino.

Portanto, há uma primeira dificuldade, relacionada não aos conteúdos, mas à *cultura escolar*, de mediar a educação à distância. E por *cultura escolar*, tomemos a seguinte noção:



A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos (JULIA, 2001, p. 9).

Ou seja, trata-se das condições anteriores ao conteúdo das aulas em si. A dificuldade em fazer com que os alunos utilizem suas câmeras para uma maior interação, a participação, etc. Claro, partindo da premissa de acesso aos bens materiais necessários ao ensino à distância, uma vez que 25,3% dos brasileiros não possuem acesso à internet, considerando espaços urbanos e rurais, no caso desse último, 53,5% das pessoas não possuem acesso (IBGE, 2020). Além, é claro no problema das políticas emergenciais. O próprio ministro da educação, já na segunda metade do mês de agosto, praticamente 5 meses após o início da quarentena no Brasil, admitiu uma demora na ‘ajuda’ àqueles que não tem condições de acesso ao EaD².

Dentro desse contexto, reside a questão do docente. Em muito se discute o acesso dos estudantes ao dispositivo individual para estudo (celular ou computador), acesso à internet, espaço a condições adequadas no espaço doméstico, porém, os docentes estão sujeitos a similares dificuldades.

A pesquisa do GESTRADO (2020), aponta que mais de 53% dos docentes pesquisados (cerca 15 mil professoras e professores de todas as regiões do país, de redes municipais, estaduais e federais), não tiveram nenhum tipo de formação para o uso de mídias digitais para a docência, bem como apenas 28,8% dos docentes afirmaram ter facilidade para o uso desses meios. É necessário atentar que 17% dos pesquisados não possuem os meios necessários.

A formação dos professores dificilmente contempla a demanda por EaD, não existindo uma familiarização com as plataformas digitais, o que implica na impossibilidade de aplicação de métodos usuais de avaliação e de ministrar aulas. Os métodos até então usados para driblar todas as dificuldades já não estão disponíveis de forma integral. Há todo tipo de dificuldade em manejar distintas plataformas e, justamente nesse aspecto, entramos num crucial aspecto da vida docente em quarentena: o rompimento dos limites entre o pessoal e o profissional.

Em minha trajetória como docente da educação básica pela rede privada durante a quarentena, não são raros os momentos em que minha vida pessoal é confundida com a

² <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/com-atraso-mec-anuncia-pacote-de-internet-a-alunos-pobres-de-universidades-e-institutos-federais.shtml>

vida particular. A começar pela dimensão espacial. Pela necessidade de um local com melhores condições para ministrar aulas e na impossibilidade de furar a quarentena, o quarto tornou-se a sala de aula. O espaço que antes era de repouso, agora é um espaço de trabalho. O *whatsapp*, assim como o *instagram*, que antes era de uso particular, agora também são ferramentas de contato profissional, a fim de possibilitar maior interação do professor com o estudante, tirar dúvida, indicar prazos, etc. Sem contar os grupos que demandam atenção. A pesquisa da Nova Escola (2020), aponta que as plataformas mais utilizadas pelos professores para contatar as famílias e alunos são, nessa ordem, o *whatsapp*, *facebook* e por último o portal da instituição. Portanto, as dimensões pública e privada se confundem, assim como os horários.

Inclusive, a utilização de diversas plataformas digitais, demanda uma organização muito maior. Muitas vezes, ocorre a utilização de múltiplas plataformas ou aplicações digitais para ensino, uma para as vídeo-chamadas, outra para as atividades, uma terceira para avaliações, inúmeras para comunicação, etc. Assim, não existe uma 'pasta' que contenha as provas a serem corrigidas, em que o material necessário é tempo, uma mesa e canetas. Agora é necessário domínio sobre os meios tecnológicos, conhecimento das possibilidades e limitações das plataformas, cuidado redobrado com o plágio nos trabalhos, organizar o recebimento de atividades nas inúmeras plataformas, etc.

Essa confusão e mescla entre os espaços da vida privada e os espaços da vida profissional, é verdade, não são uma exclusividade dos tempos de pandemia, mas é evidente que agora se acentua com demasiada força. A correção de avaliações e preparação de aulas já ocupava tal espaço. Entretanto, o aprofundamento dessa demanda de trabalho extraclasse e invasão dos espaços pessoais, trazem um segundo fator para a vida de docente, as sobrecargas psicológicas. Importante ressaltar que a quarentena por si só já acarreta em um impacto psicológico naqueles que a praticam (BROOKS et al., 2020). Logo, com o aumento de trabalho relatado por inúmeros profissionais, como aponta a reportagem do Correio Brasiliense (MACHADO, 2020), destaca-se a importância com o cuidado da saúde emocional dos docentes.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia abalou a normalidade. A educação apresenta um agravamento das já grandes desigualdades de oportunidade, demandando mais dos nossos docentes, sem haver uma contrapartida sólida. Nesse contexto, é importante destacarmos os principais limitantes da docência em tempos de pandemia.

Em primeiro lugar, as questões materiais se sobressaem. É a falta de estrutura na casa do docente, redução na carga horária, a necessidade de contratar melhores serviços de internet, etc., que acabam trazendo uma dificuldade aos professores para o exercício da profissão.

Em seguida, podemos ressaltar a falta de instrução e de formação aos docentes para a utilização de ferramentas digitais ao ministrar aulas não presenciais. Fato que não implica apenas na dificuldade no primeiro manuseio, mas na preparação e planejamento pedagógico. Como é possível fazer uma prova online? Como é possível manter a atenção de seus alunos? Quais são as ferramentas mais adequadas e de melhor acesso aos estudantes? Todas essas questões devem ser manejadas, de alguma forma, pelo profissional. Há um flagrante aumento na demanda de trabalho.

Também devemos elencar os males que assolam todos aqueles que praticam a quarentena: o estresse, ansiedade e outras questões psicológicas, agravadas, é claro, pela perda da capacidade de discernir o que é o espaço privado e o que é o espaço profissional. O notebook é ferramenta de trabalho, o quarto é espaço de trabalho, o *instagram* é o meio de contato com alunos. Serão os professores capazes de lidar de forma saudável essa tênue linha entre vida privada e profissional?

Ademais, a insegurança jurídica para aqueles que estão lecionando a distância, sem saber se tal esforço será legalmente aceito, se tal esforço é suficiente para garantir o aprendizado de seus alunos, acaba por demandar ainda mais do professor.

A pandemia vem expondo inúmeras problemáticas sociais, a situação dos docentes não é exceção. Mas o esforço de pensar alternativas para a escolarização durante a quarentena deve necessariamente olhar e problematizar a situação dos professores. Não há educação de qualidade sem um profissional capacitado e com meios adequados de exercer seu ofício.

Por final, esse exercício de refletir sobre a situação dos docentes durante a pandemia não poderia findar de forma distinta, se não prestando uma homenagem para as



professoras e professores que, cada vez mais, abrem suas casas e suas vidas em nome do dever do ensino. Não na tentativa de romantizar um projeto educacional em crise, mas no intuito de denunciar a precarização da carreira (será ainda uma carreira?) de professor que não vem de hoje, entretanto é flagrantemente exposta pela pandemia.

REFERÊNCIAS

ABONIZIO, Gustavo. Precarização do trabalho docente: apontamentos a partir de uma análise bibliográfica. **Ensino de sociologia em debate**, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20ABONIZIO%20G.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, p. 912-920, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(20\)30460-8.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(20)30460-8.pdf). Acesso em: 18 ago. 2020.

CABRAL, Guilherme Perez. **Faça um “bico” de professor e aumente sua renda!**. UOL. 2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/colunas/guilhermecabral/2017/08/21/faca-um-bico-de-professor-e-aumente-sua-renda.htm>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GESTRADO. **Trabalho docente em tempos de pandemia – relatório técnico**. GESTRADO/UFMG, 2020. Disponível em: https://www.uncme.org.br/Gerenciador/kcfinder/upload/files/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v02.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

IBGE. **PNAD Educação 2019**: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Agência IBGE de notícias. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 20 ago. 2020.

IBGE. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agência IBGE de notícias. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 20 ago. 2020.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Care work and care jobs for the future of decent work**. Geneva: ILO. 2018. Disponível em:



https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/—dgreports/—dcomm/—publ/documents/publication/wcms_633135.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, 2001.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

MACHADO, Mariana. **Professores do DF relatam carga de trabalho maior durante a pandemia**. Correio Braziliense. 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/07/21/interna_cidadesdf,873804/professores-do-df-relatam-carga-de-trabalho-maior-durante-a-pandemia.shtm. Acesso em: 18 ago. 2020.

MATTHEWMAN, Steve; HUPPATZ, Kate. A sociology of Covid-19. **Journal of Sociology**, v. 00, n. 0, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1440783320939416>. Acesso em: 18 ago. 2020.

NOVA ESCOLA. **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia**. Nova escola. 2020. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/MEWKNnJz3TJ8kKd7UhrpCuVcR95vP4VAEk83JtQSe4cf erz85NnUvehrccET/ne-pesquisa-professor-final-1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

OLIVEIRA, Amurabi. As desigualdades educacionais no contexto da pandemia do COVID-19. **ANPOCS: Boletim Cientistas Sociais**, n. 85, 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2417-boletim-cientistas-sociais-n-85>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PREVITALI, Fabiane Santana; FAGIANI, Cílon César. Trabalho precário e precarização docente na educação básica no Brasil na atual fase da acumulação do capital. **Revista Eletrônica da Divisão de Formação Docente**, v. 5, n. 2, 2018.

SIMÃO, Mario Pires. Como as favelas nos ajudam a pensar a cidade após a pandemia do coronavírus?. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50437/33472>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Quando o salário de professor não paga as contas**. 2018, disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/professor-segunda-atividade>. Acesso em: 20 ago. 2020.

UNESCO – UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Impactos da COVID-19 na Educação**. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 20 ago. 2020.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) Dashboard**. 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 18 ago. 2020.



NOTAS

TÍTULO DA OBRA OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Elias Festa Paludo

Mestre em Sociologia UFRGS

Doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina, PPGSP, Florianópolis, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-7308-6122>

CONFLITO DE INTERESSES

Informar conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, possíveis vieses temáticos.

Para mais informações: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Submetido em: 20 de agosto de 2020.

Aprovado em: 23 de agosto de 2020.

